

RESSIGNIFICAÇÃO DA ESCOLA: A CIRCULAÇÃO DA IDEOLOGIA

A presença, em maior ou menor intensidade de acordo com a classe social, da tecnologia na sociedade, e particularmente na escola, é constatável. Dados recentes indicam que existem hoje sete milhões de usuários da Internet em toda a América Latina, dos quais quatro milhões no Brasil. Prevê-se que serão 34 milhões até o fim do ano 2000¹. Além disso, é preciso lembrar, entre outros, as grandes redes internacionais de televisão, o alcance do rádio, a velocidade da divulgação das informações selecionadas pelas agências internacionais de notícias. Tudo isso pede uma reflexão sobre as representações, os valores, a ideologia que circulam na rede e influenciam os novos sujeitos que resultam dessa realidade e que trabalham, em conjunto, na instituição escolar, sejam professores, alunos, funcionários, pais e outros interessados. Todos eles se congregam em torno de objetivos comuns. São todos participantes de uma dada realidade social, caracterizada por uma ideologia. “A ideologia é uma das formas de práxis social: aquela que, partindo da experiência imediata dos dados da vida social, constrói abstratamente um sistema de idéias ou representações sobre a realidade”².

A sociedade que forma nossos alunos e nos forma produz as representações, as formas simbólicas pelas quais se rege³, que se transformam em bens simbólicos no processo de circulação, o qual se dá de acordo com as características da formação socioeconômica. Aliás, as formas

A AUTORA

Maria Aparecida Baccega

Professora Livre-Docente do Departamento de Comunicações e Artes da ECA-USP. Coordenadora do curso Gestão de Processos Comunicacionais (*lato sensu*) e do Núcleo de Pesquisa de Telenovela (NPTN).

1. [Http://www.affaritaliani.it/magazine_home.htm](http://www.affaritaliani.it/magazine_home.htm) Diz a nota que, por isso, “as atenções se voltam para Starmedia Network, sociedade brasileira que oferece serviços *on line* em espanhol e português”.

2. CHAUÍ. Marilena de S. **O que é ideologia**. 13 ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. p. 106.

3. Sobre o assunto, ver BACCEGA, M. A. *A construção do campo da Comunicação/Educação. Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/Moderna, n. 14, jan./abr. 1999. p. 7-16.

simbólicas são próprias do ser humano: a língua, criação que facultou ao homem projetar, é um bom exemplo. O que caracteriza a contemporaneidade não é, portanto, a circulação de bens simbólicos, mas a grande mediação, resultado da tecnologia, que se interpôs nessa circulação: os meios de comunicação, os quais permitem a formação de redes planetárias, nas quais circulam determinados valores, que atendem a interesses nem sempre claros. Esse é um dos aspectos da ideologia.

Segundo Chauí, “a ideologia é um conjunto lógico, sistemático e coerente de representações (idéias e valores) e de normas ou regras (de conduta) que indicam e prescrevem aos membros da sociedade o que devem pensar, o que devem valorizar, o que devem sentir e como devem sentir, o que devem fazer e como devem fazer. Ela é, portanto, um corpo explicativo (representações) e prático (normas, regras, preceitos) de caráter prescritivo, normativo, regulador, cuja função é dar aos membros de uma sociedade dividida em classes uma explicação racional para as diferenças sociais, políticas e culturais, sem jamais atribuir tais diferenças à divisão da sociedade em classes, a partir das divisões na esfera da produção. Pelo contrário, a função da ideologia é a de apagar as diferenças como as de classes e de fornecer aos membros da sociedade o sentimento da identidade social, encontrando certos referenciais identificadores de todos e para todos, como, por exemplo, a Humanidade, a Liberdade, a Igualdade, a Nação ou o Estado”⁴.

No momento em que se fala tanto da resignificação do papel da escola e do professor, a partir da intervenção da tecnologia, é fundamental nos aproximarmos das questões referentes à ideologia que circula nos meios de comunicação, nas redes planetárias e, verificando essa circulação, procurar saber como a ideologia opera nessa realidade.

IDEOLOGIA E CONSTRUÇÃO DE SENTIDO

Ao tratar de ideologia, não podemos prescindir de buscar o *lugar social da produção* dos bens simbólicos que circulam nas redes, o *lugar social dos receptores* desses bens simbólicos e as *formações sociais* nas quais ambos se encontram.

Segundo Thompson, “o conceito de ideologia pode ser usado para se referir às maneiras como o sentido (significado) serve, em circunstâncias particulares, para estabelecer e sustentar relações de poder que são sistematicamente assimétricas – que eu chamarei de ‘relações de dominação’. Ideologia, falando de uma maneira mais ampla, é *sentido a serviço do poder*. Conseqüentemente, o estudo da ideologia exige que investiguemos as maneiras como o sentido é construído e usado pelas formas simbólicas de vários tipos, desde as falas lingüísticas cotidianas até às imagens e aos textos complexos”⁵.

A construção do sentido das formas simbólicas está diretamente relacionada

4. CHAÚÍ, Marilena de S. **O que é ideologia**. *op. cit.* p. 113-114.

5. THOMPSON, John B. **Ideologia e cultura moderna**. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 16.

à formação socioeconômica. E é só aí que podemos verificar em que direção elas estão, predominantemente, sendo usadas: se na manutenção do *status quo*, servindo apenas para perpetuar as relações de poder, se na sua modificação, trilhando o caminho da mudança dessas relações de poder. Afinal, diz Thompson, “as formas simbólicas, ou sistemas simbólicos, não são ideológicos em si mesmos: se eles são ideológicos, e o quanto são ideológicos, depende das maneiras como eles são usados e *entendidos* em contextos sociais específicos”⁶.

Neste momento em que o mundo está desfraldado em um número enorme de tempos históricos e culturais, neste momento em que as produções, sobretudo no âmbito da televisão, viajam pelo mundo e atingem a praticamente todas as sociedades nesses tempos/espacos díspares, muitas vezes em tempo real, pode-se perceber a divulgação, sob forma prescritiva, desse conjunto de idéias e valores, de normas ou de regras, que procuram dar suas próprias explicações para as diferenças sociais, políticas e culturais, objetivando o apagamento dessas diferenças, como lembra Chauí. Manter, por exemplo, uma emissora de televisão no ar durante algumas horas do dia, e mais ainda quando se trata de uma grade de programação para 24 horas, é tarefa hercúlea que exige um trânsito muito grande de produções, o que aponta para a permanência desse procedimento.

Não se nega que há diversidade no pólo da produção e que é mais extensa ainda a diversidade do entendimento, da interpretação, da recepção dessas representações.

Historicamente, podemos relembrar, como exemplo, os livros que eram encaminhados às escolas de 1ª a 4ª séries, na década de 60, através de uma biblioteca circulante chamada Colted, um dos resultados dos famosos Acordos MEC-Usaid: vários livros de Estudos Sociais, de autores americanos, traduzidos, davam como atividades prioritárias o conhecimento da realidade na qual o estudante se encontrava, o bairro, a cidade e, a partir desse conhecimento, o levantamento dos problemas, a mobilização e a organização social para que se encaminhassem solicitações às autoridades para sua solução. Era o conceito americano de comunidade, muito em voga. Assim, diziam os americanos, formam-se os cidadãos. Só que, naquele momento, período que mediava o golpe militar (1964) e a institucionalização da ditadura (1968), esse conceito de comunidade que caracterizava a sociologia americana e o tipo de atividade daí resultante não interessavam ao sistema e eram considerados subversivos. Trata-se de um exemplo acabado de interpretação em desacordo com os objetivos de sua divulgação. A Biblioteca Colted durou muito pouco.

Também nessa percepção de movimento, vale lembrar a língua, forma simbólica por excelência. Para Bakhtin⁷, o signo (a palavra) é a arena onde se desenvolve a luta de classes. Ou seja, por seu caráter dialético e dialógico, o signo, a forma simbólica mais bem acabada, se revestirá do significado que o contexto social e sua aplicação discursiva definirem. E, assim mesmo, será sempre polissêmico. Podemos exemplificar com a sigla tão divulgada entre nós: FMI (Fundo Monetário Internacional),

6. THOMPSON, John B. **Ideologia...**, *op. cit.* p. 17. O grifo é nosso. Parece-nos importante destacar a relevância do “entendimento”, da interpretação, da recepção.

7. BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

que tem uma conotação positiva para, entre outros, setores minoritários no Brasil e países membros do G7 (grupo dos sete países mais ricos do mundo, que tem o poder de determinar a política econômico-financeira a ser seguida no mundo) e, certamente, uma conotação negativa para a população, sobretudo dos países do Terceiro Mundo, que sofre as conseqüências desastrosas dessa política: recessão, desemprego etc. Se é verdade que as idéias e valores divulgados privilegiam o primeiro bloco, cabe à Escola – e aí um dos aspectos da resignificação de seu papel – desvelar como opera a ideologia, ensinar a ler adequadamente as formas simbólicas que circulam na mídia, conformando a realidade.

IDEOLOGIA E COTIDIANO

É no cotidiano que se jogam as modificações ou manutenção da ideologia construída. É no cotidiano, onde as atitudes, os fazeres se dão num clima de relaxamento maior, que se torna mais fácil o jogo de influências. Como lembra Agnes Heller, na vida cotidiana o homem coloca “ ‘em funcionamento’ todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias”. E exatamente por isso “nenhuma delas pode realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade”⁸.

Por isso, as manifestações de poder que mais atingem as pessoas são aquelas que regem as atividades cotidianas. Na produção dos meios de comunicação, em qualquer gênero, utiliza-se sobremaneira do cotidiano.

Nesse cotidiano, que inclui o trabalho e a vida privada, o lazer, a vida social organizada e o intercâmbio, o sujeito amadurece. Esse processo de amadurecimento passa por grupos (família, escola). São esses grupos que estabelecem a *mediação* entre o indivíduo e os costumes, as normas e a ética da sociedade. Ressalta-se, desse modo, o papel da escola, grupo privilegiado de mediação. Mas, lembra Agnes Heller, “o homem não ingressa nas fileiras dos adultos, nem as normas assimiladas ganham ‘valor’, a não ser quando essas comunicam realmente ao indivíduo os valores das integrações maiores, quando o indivíduo – saindo do grupo (por exemplo, da família) – é capaz de se manter autonomamente no mundo das integrações maiores, de orientar-se em situações que já não possuem a dimensão do grupo humano comunitário, de *mover-se no ambiente da sociedade em geral e, além disso, de mover por sua vez esse mesmo ambiente*”⁹.

À Escola compete, portanto, capacitar o aluno para não apenas “mover-se na sociedade”, seguindo “o que e como deve sentir e fazer”, mas, sobretudo, ter condições de mover, de modificar esse mesmo ambiente, o que só pode acontecer a partir da resignificação dos sentidos, da reconstrução das “normas e regras” prescritas.

8. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989. p. 17 e segtes.

9. HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. *op. cit.* p. 19.

CIRCULAÇÃO DAS FORMAS SIMBÓLICAS

As formas simbólicas, as representações só existem quando circulam entre sujeitos, entre os quais obrigatoriamente haverá uma interseção, maior ou menor, de interpretação, a qual lhes permite compreender o que vêem, ouvem ou lêem: permite-lhes comunicar-se. Ou seja, as formas simbólicas emergem do “real” e são constitutivas desse “real”. Assim, por exemplo: mesmo quando uma telenovela brasileira é apresentada no Brasil, ela estará sendo vista por um grande número de pessoas pertencentes a diferentes regiões geográficas, com culturas específicas. As formas simbólicas que circulam na telenovela são reconstruídas e interpretadas, nessas várias culturas, como “outras” formas simbólicas, de modo que possam estar vinculadas àquela cultura, de modo que pertençam àquele universo, garantindo-se o mínimo de interseção. Em outras palavras: o próprio receptor “refaz” o pólo da emissão. Evidentemente, e com mais força, o mesmo se dá quando qualquer programa de mídia produzido em um determinado país circula em outro, ou, continuando com a telenovela brasileira, quando ela é apresentada em países tão diferentes do nosso, como é o caso, para citar apenas um, de *Escrava Isaura*, na China (país que, por sua vez, se constitui de um número imenso de culturas). Há os que afirmam que o grande sucesso dessa novela em todo o mundo se deve ao fato de ela ser um hino à liberdade, uma denúncia da opressão. Será?

Qualquer que seja a produção dos meios de comunicação, a circulação das formas simbólicas constitui a grande mediação que se constata na cultura moderna, ou seja, a “mediação” da cultura moderna, caracterizada, no dizer de Thompson, pela “proliferação rápida de instituições e meios de comunicação de massa e o crescimento de redes de transmissão através das quais formas simbólicas mercantilizadas se tornaram acessíveis a um grupo cada vez maior de receptores”¹⁰.

Há um rompimento, um distanciamento entre o enunciador/emissor e o enunciatário/receptor. A interação desses dois pólos se dá “de outro modo”, em “outro lugar”. E isso cria novas relações sociais, novos comportamentos culturais. Ou, como diz Martín-Barbero¹¹, “enquanto o cinema catalisava a ‘experiência da multidão’, pois era em multidão que os cidadãos exerciam seu direito à cidade, o que agora a televisão catalisa é, pelo contrário, a ‘experiência doméstica’ e domesticada, pois é ‘a partir da casa’ que as pessoas exercem agora, cotidianamente, sua participação na cidade”. A propósito, uma propaganda da Starmedia, veiculada até recentemente, afirmava, com imagens: “não é preciso ir para estar”.

Nesse contexto, o que vemos é o crescimento célere de redes de transmissão, a formação de conglomerados no campo dos meios de comunicação, fazendo circular esses bens simbólicos, os quais se infiltram nas culturas, mediando-as. Na verdade, o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa e seu correspondente papel de mediador da cultura, divulgador de ideologia, se dá juntamente com o desenvolvimento do capitalismo industrial e com o nascimento do estado moderno e suas formas de participação política. Hoje, na etapa

10. THOMPSON, John B. *Ideologia e...* op. cit. p. 21.

11. MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Cidade virtual: novos cenários da comunicação*. *Comunicação & Educação*. São Paulo: CCA-ECA-USP/ Moderna, n. 11, jan./abr. 1998. p. 64.

que Jameson¹² chama de “capitalismo tardio”, eles se colocam como centrais na construção do chamado pensamento único, que serve para sustentar o quase falido projeto neoliberal e “mostrar” caminhos para sua mudança, sem perda da hegemonia pelos que detêm o poder.

MEIOS DE COMUNICAÇÃO E IDEOLOGIA

Assim, podemos verificar a importância dos meios de comunicação para a discussão da ideologia. Com eles, a produção e circulação de bens simbólicos se dá não apenas de maneira rápida, como também extrapola o espaço e o tempo, superando o contexto social no qual os bens simbólicos são produzidos, afetando pessoas em lugares distantes e em culturas diferentes. Desse modo eles se tornaram básicos para a operacionalização da ideologia, entendida como corpo explicativo e prático de caráter prescritivo, como diz Chauí, como produção de sentido dos bens simbólicos, crescendo-se Thompson.

Não se conclua, porém, que os meios de comunicação representam o único fator de transmissão da ideologia nas sociedades modernas. Embora se constituam em fator privilegiado, pois intervêm em todas as esferas, a operacionalização da ideologia também se dá nas falas despreocupadas do cotidiano, arena onde normalmente se joga o futuro, e em todos os discursos sociais nos quais se banham os sujeitos. Algumas instituições, evidentemente, se destacam: entre elas, a escola.

Consideramos, por isso, de extrema importância a discussão das questões referentes à ideologia, neste momento em que a escola, instância fundamental de socialização, lugar privilegiado dos jogos do cotidiano, imbrica-se com os meios de comunicação e se abre para os usos da tecnologia em seus processos. Se por um lado a comunicação de massa se tornou um fator fundamental de transmissão de ideologia na sociedade moderna, por outro, é importante não se esquecer de que a ideologia opera numa grande variedade de contextos da vida cotidiana: das conversas entre amigos à solenidade das agências de educação.

ARTIGOS NACIONAIS

Jacques Marcovitch, Reitor da Universidade de São Paulo, assina o primeiro artigo desse número, *Comunicação e Educação*, onde se lê: “Mesmo com a preocupação de conjugarmos os conceitos e as práticas, não devemos esquecer a questão superior dos valores que devem permear todas as ações acadêmicas”. Ressalta que nenhum projeto “pode prescindir do professor e de sua capacidade única de reflexão” e que o fundamental é que as novas tecnologias sirvam para “fazer de cada aluno, depois de formado, um verdadeiro agente de mudanças”.

Para isso, lembra Iolanda Bueno de Camargo Cortelazzo, em seu artigo *Computador para interação comunicativa*, é fundamental que o conjunto das mídias não seja negligenciado pelo professor. “Muitas mídias são negligenciadas na comunica-

12. JAMESON, F. *A lógica cultural do capitalismo tardio*. In: **Pós-modernismo**. São Paulo: Ática, 1996. p. 27-79.

ção escolar. O mesmo aluno que se encontra na sala de aula como leitor de livro, copiador de mensagens do quadro de giz, ouvinte do professor, é – em sua casa, no bar da esquina, no clube – telespectador, radiouvinte, leitor de jornal e revista, usuário de computador e de Internet, jogador de *video game*”. E acrescenta: “a orientação do professor para uma recepção ativa e crítica das mídias será facilitada se essas mídias estiverem integradas à ação pedagógica corrente na sala de aula”.

Essa integração à ação pedagógica não pode deixar de lado a complexidade da realidade virtual. *Virtualização da realidade* é o artigo de Eduardo O. C. Chaves, no qual ele apresenta o conceito e mostra sua operacionalização, revelando a importância desse espaço para a circulação de bens materiais e simbólicos.

Fazer da *Escola: espaço para a produção de conhecimento* é o objetivo desse artigo, escrito por Lynn Rosalina Gama Alves e Néelson Pretto. Segundo os autores, “a presença intensa de elementos tecnológicos possibilita uma nova razão cognitiva, um novo pensar, novos caminhos para construir o conhecimento de forma prazerosa e lúdica”. A interação com as mídias, segundo eles, “representa a possibilidade de alteração das estruturas cognitivas do indivíduo, gerando um desequilíbrio que instaura uma nova forma de pensar”. Por aqui passa um outro fio que ajuda a tecer a complexidade da discussão sobre a circulação de bens simbólicos, sobre ideologia.

Para ajudar a esclarecer o que se anda discutindo sobre educação, Élide Vaz escreve o artigo *Encenação da educação nas cartas de leitores*. Começa por discutir a imprensa, sua escolha temática, que “acaba influenciando na escolha do que será discutido pela sociedade”, inserindo aí a seção cartas dos leitores. A partir de levantamento feito em três grandes jornais do Rio de Janeiro, a autora mostra quais têm se revelado as principais preocupações de professores, alunos, funcionários, pais no que se refere à escola. Ressalta a grande importância que é dada à escola pública, como instância de efetiva democratização do saber.

ARTIGO INTERNACIONAL

Na feira comercial de Berlim, em 1997, foram apresentados os primeiros aparelhos receptores comerciais de rádio digital. Esperava-se que até o final daquele ano 100 milhões de europeus tivessem acesso aos sinais de *transmissão digital do rádio*. Isso ainda não ocorreu, mas essa é a grande revolução pela qual está passando esse meio de comunicação. Esse é um dos temas tratados em *Rádio: história e abrangência na era digital*, por William E. Biernatzki. Apresenta as possibilidades de inter-relação dessa transmissão digital com outras mídias, inclusive com a TV digital. Dedicar parte do artigo ao estudo da regulamentação em vários países, como Estados Unidos, Grã-Bretanha e países em desenvolvimento. Mostra, ainda, sua importância na divulgação de valores: “nas revoluções do passado, o primeiro e principal objetivo das forças revolucionárias era o de capturar a sede do governo – o castelo, o palácio presidencial, ou pelo menos alguns dos símbolos da opressão governamental. Ao final do século XX, tal padrão mudou dramaticamente, de modo que o alvo prioritário são os estúdios e transmissores das estações de televisão e de rádio”.

ENTREVISTA

Esse número traz Armand Mattelart, teórico da comunicação que, desde a década de 60, tem contribuído para os avanços da reflexão crítica sobre o campo da comunicação. Em *Comunicação e interesse público*, entrevista realizada por Roseli Fígaro e Alberto Efendy Maldonado Gómez de la Torre, ele fala de seu trabalho junto ao governo socialista de Mitterand, sobre sua obra e sua parceria com Michèle Mattelart, sobre escolas de comunicação, campo da comunicação, comunicação e educação, usos da tecnologia, entre outros temas atuais.

CRÍTICA

Laurindo Leal Filho escreve *TV, um poder sem controle*. No artigo, que lembra que “quanto mais frágil a democracia, mais força possui a televisão”, o autor discute a televisão como serviço público, mostrando como ocorre seu controle em outros países. Trata da busca de índices de audiência pela televisão, apontando que, nesse caso, “as emissoras estão apenas oferecendo produtos para serem consumidos no mercado”. O artigo trata ainda do controle da TV *versus* censura, alertando para a necessidade do “debate em torno da qualidade da televisão brasileira e da necessidade da criação de mecanismos democráticos de controle sobre sua programação”.

DEPOIMENTO

“Lembrar que a ciência está totalmente incorporada à vida e que as benesses dela devem chegar a toda a sociedade” foi o objetivo que norteou Ricardo Alexino Ferreira na realização do programa radiofônico *Ciência em debate*, apresentado pela Rádio Unesp-Bauru. No artigo *Ciência em debate: jornalismo científico nas ondas do rádio*, o autor conta como o programa era produzido, ao mesmo tempo em que vai discutindo questões referentes à divulgação científica no rádio e jornalismo especializado.

EXPERIÊNCIA

Susi Maria de Oliveira Dutra, em *Exercícios com jornais*, mostra como, numa terceira série do ensino fundamental da rede pública, em Sorocaba, o trabalho com jornais pode ajudar a “desenvolver nos alunos a conscientização dos problemas da sociedade moderna, promovendo mudanças comportamentais necessárias para uma sociedade mais justa”. Ela relata todos os passos do desenvolvimento do projeto, construído a partir da realidade dos alunos.

Ensino de Matemática: luz no túnel, de Cláudia Maria Pereira, conta o êxito que obteve para o ensino de Matemática junto às quartas séries da rede pública, em Franco da Rocha. Partindo de um folheto de supermercado e trabalhando com materiais disponíveis

na realidade do aluno, desenvolve-se o projeto que, mais que ensinar medidas, teve por objetivos “experimentar na sala de aula uma nova forma de lecionar; valorizar a atuação dos alunos e a auto-estima”, entre outros. Aí reside, certamente, uma das bases do êxito.

POESIA

Este número traz Fernando Pessoa, que nos brinda com seu poema *Nuvens*.

SERVIÇOS

A Estação Ciência, da USP em convênio com o CNPq, completa 12 anos de serviços reconhecidos como fundamentais por alunos e professores da rede escolar e pelo público em geral. Sobre ela fala André Chaves de Melo Silva, em *Ciência de forma lúdica e interativa*.

BOLETIM BIBLIOGRÁFICO

A comemoração dos 500 anos da chegada dos portugueses ao Brasil, que muitos ainda chamam de descobrimento, não foi esquecida. Maria Ignês Carlos Magno, retomando Luís Felipe de Alencastro, lembra que comemorar nem sempre é festejar. É importante contextualizar o período das conquistas territoriais de Portugal e Espanha. Assim surgiram as sugestões desse número, que se encontram em *Videografia: Brasil 500 anos?*

Anamaria Fadul, com a colaboração de Maria Ataíde Malcher, e Ismar de Oliveira Soares, com a colaboração de Fernando Peixoto Vieira, apresentam, respectivamente, *Bibliografia sobre telenovela brasileira* e *Bibliografia sobre comunicação e educação*, que muito têm colaborado com as reflexões dos nossos leitores.

Resumo: Aos muitos aspectos que estão sendo e ainda serão discutidos sobre a ressignificação da Escola, este artigo propõe que se acrescentem as questões referentes à ideologia. Mostra a ideologia como práxis social, conjunto prescritivo de representações e de normas, a qual encontra lugar privilegiado nas formas simbólicas que circulam em todo o mundo, através, sobretudo, dos meios de comunicação. Aponta ideologia e construção de sentido, ideologia e cotidiano, circulação das formas simbólicas e meios de comunicação e ideologia como possível roteiro de discussão da temática.

Palavras-chave: escola, meios de comunicação, ideologia, cotidiano

Abstract: This article proposes ideology matters should be added to the many aspects that are being and that are yet to be discussed concerning giving School new meaning. It shows ideology as a social praxis, a prescribing set of representations and norms, that find a privileged place in the symbolic forms that circle all over the world, through, most of all, the media. The article points to ideology and meaning construction, ideology and day-to-day living, to the circulation of symbolic forms and the media, and to ideology as a possible script for thematic discussion.

Key words: Scholl, media, ideology, day-to-day